

Sous l'invocation de Valery Larbaud: Breves anotações sobre tradução

Luísa Benvinda Álvares¹

lalvares@iscap.ipp.pt

Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto

– Instituto Politécnico do Porto

Mais de sessenta anos após a sua morte, Valery Larbaud é, ainda hoje, uma referência marcante no mundo da tradução, sobretudo em contexto francês, como o comprova o facto de ser frequente encontrar-se o seu nome, acompanhado, naturalmente, pelo título da sua mais conhecida obra de reflexão sobre o tema, *Sous l'invocation de saint Jérôme*, nas listas de referências bibliográficas de estudos acerca da história da tradução ou da prática tradutiva. Tal não significa, porém, que os seus textos sejam verdadeiramente conhecidos ou que deem azo a novos estudos e reflexões; reconhece-se a sua importância e a sua originalidade, mas remetidas para um passado em que não valerá a pena voltar a mexer.

De certo modo, compreende-se que assim seja: o mundo e a época em que Valery Larbaud viveu, a sua autonomia face ao universo académico ou a escolas de pensamento constituídas e a ancoragem dos seus textos de reflexão no seu próprio trabalho de tradução conjugaram-se para fazerem dele uma personagem individualizada e distinta até dos seus contemporâneos; nunca esteve no seu espírito a intenção de organizar uma reflexão sistematizada sobre tradução, nem nunca ele propôs um qualquer quadro teórico para sustentar as suas reflexões ou uma terminologia específica para os fenómenos com que se confrontou ao traduzir.

Porém, esse facto não significa de maneira nenhuma que os textos compilados na obra acima referida não despertem interesse nos nossos dias àqueles que de algum modo contactam com o trabalho de tradução. Para além de neles se encontrar o seu ensaio basilar sobre a figura e a obra de São

¹ Com muito reconhecimento e admiração, dedico este texto à Professora Doutora Maria da Graça Lisboa Castro Pinto, Professora Catedrática da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, a quem a minha família e eu própria sempre devemos muitas atenções de que nos recordamos com respeito e muita consideração.

Jerónimo (“Le patron des traducteurs”), estão também aí presentes textos de variada extensão sobre a arte e a técnica da tradução e, naturalmente, sobre questões relacionadas com essa atividade, nomeadamente observações acerca das línguas, matéria viva de que os textos são feitos, e da dimensão literária que os enforma. Porém, o que confere verdadeira originalidade a esta obra de Larbaud é o facto de as considerações presentes nos seus textos resultarem efetivamente da sua prática tradutiva; para além de contextualizar frequentemente as suas reflexões em experiências concretas de trabalho, Larbaud nunca deixa de se retratar enquanto profissional da tradução e de pôr em destaque a complexidade e a exigência dessa atividade. Consequentemente, mesmo nos nossos dias, qualquer tradutor terá tendência para se ver a si próprio nos textos de Larbaud, bem como às dificuldades com que depara ao traduzir, às hesitações que povoam o seu trabalho e às *alegrias*, como Larbaud se exprime, que esse trabalho proporciona. Mais ainda, graças à sábia mescla de uma suave ironia e de um entusiasmo indisfarçável que é a característica mais visível do seu estilo, Larbaud não só se junta a todos os tradutores através da utilização frequente de pronomes de primeira pessoa do plural como agrega a este *nós* a figura tutelar de São Jerónimo, “*traducteur comme nous*”, o que não pode deixar de sensibilizar qualquer profissional da tradução.

Dois dos seus textos mais conhecidos, igualmente presentes na obra *Sous l'invocation de saint Jérôme* e significativamente intitulados “*Droits et devoirs du traducteur*” e “*Joies et profits du traducteur*”, em muito contribuem para a reflexão sobre o trabalho do tradutor e para a sua dignificação. Neles Larbaud se expande sobre a dupla dimensão, artística e técnica, desse trabalho e, consequentemente, sobre as exigências que o comandam. O tom aparentemente ligeiro ou humorístico com que descreve as penas que o tradutor tem de sofrer é meramente estilístico; Larbaud leva muito a sério o trabalho tradutivo, que é o seu, e disso dá também conta nos profundos e informadíssimos comentários que faz acerca de diversas traduções, suas e dos seus colegas de atividade. Ao mesmo tempo, emerge desses textos a figura do tradutor e nisso consiste uma das grandes diferenças da reflexão de Larbaud face aos seus contemporâneos e aos seus predecessores. Doravante, pensar em tradução é pensar também no tradutor, enquanto entidade naturalmente imprescindível a essa atividade, mas também enquanto objeto

de reflexão obrigatória.

É comum que a visão genérica do tradutor seja a de uma entidade intermédia, situada algures *entre* o texto-fonte e o texto de chegada, *entre* o autor original e o novo leitor. Este posicionamento faz dele um elo de ligação ou uma espécie de ponte – ou seja, algo que permite unir duas realidades afastadas em si mesmas. Na prática, contudo, nem sempre o tradutor é visto – nem se vê a si próprio – na perspetiva positiva e valorativa que tais analogias parecem sugerir. O seu lugar intermédio é, frequentemente, lugar de hesitação, de ambivalência, uma vez que o processo tradutivo exige que o tradutor seja igualmente (e antes de mais) leitor, mas, de algum modo, autor também, na medida em que o texto resultante terá necessariamente a marca das suas decisões. Assim, o seu trabalho é dominado por *constrangimentos* com os quais terá de lidar – o constrangimento do texto original nas suas múltiplas dimensões, os constrangimentos do sistema linguístico para que está a traduzir, os constrangimentos pragmáticos do contexto em que a tradução é efetuada e para quem é efetuada (a casa editora, a empresa empregadora que a encomendou, o público leitor específico, etc.) –, mas não deixa de ser o processo de uma nova criação, de uma nova e original escrita de um texto que até ali não existia.

Esta última dimensão é, contudo, frequentemente esquecida e o tradutor vê-se não poucas vezes relegado para um papel secundário face à importância que assumem ou o autor original e o seu texto (sobretudo na tradução literária), ou a informação veiculada (no caso das traduções de âmbito pragmático). Tal atitude explica que, no passado, mas também nos dias de hoje, muitas vezes o tradutor seja uma entidade anónima, ou então, uma entidade que, apesar de identificada, e obviamente considerada necessária ao processo tradutivo, tenha de se comportar como se fosse transparente ou invisível.

De resto, poderia pensar-se que as últimas décadas alterariam esta visão do tradutor, uma vez que ao longo delas surgiram diferentes teorias que deslocam o centro das atenções no processo de tradução: à primazia indiscutível do texto-fonte e das perspetivas que veem o trabalho de tradução acima de tudo como a construção de um seu equivalente, sucedeu um conjunto de estudos voltados essencialmente para o texto traduzido e para

os contextos, culturais ou funcionais, em que ele nasce e dos quais depende. Como tal, é natural que o papel do tradutor, enquanto agente fundamental na elaboração deste texto-alvo, ganhe relevo e assuma uma posição mais determinante ou reconhecida. Contudo, esta questão é muito mais complexa. Na sua obra *Teorias Contemporâneas da Tradução*, Anthony Pym (2013) demonstra como, no âmbito da teoria do *Skopos* – que, ao colocar a tónica no objetivo funcional da tradução de um texto, parece investir o tradutor de uma nova autonomia e de uma maior capacidade decisiva -, tal não acontece necessariamente, uma vez que o tradutor é apenas um entre os diversos agentes envolvidos no processo de tradução (Pym: 109); de modo semelhante, a proposta de Christiane Nord parece substituir a antiga questão da “fidelidade” a um texto original pela questão da “lealdade” ética a um projeto no qual nem todas as opções são tomadas pelo tradutor (Pym: 110). Assim, visível ou invisível, submetido a mais ou menos necessidades de escolhas difíceis, entre a vontade de respeitar o texto-fonte e o seu autor e a de possibilitar ao leitor o acesso a um novo universo significativo, o tradutor há de confrontar-se frequentemente com esta situação de ambiguidade, de equilíbrio por vezes precário, de questionação acerca das próprias decisões a tomar e a assumir.

É certo que há também autores que exprimem uma visão menos dramática deste posicionamento intermédio do tradutor, pondo antes em destaque a sua função mediadora. Ou seja, o tradutor é sempre, e acima de tudo, a entidade que possibilita a divulgação de textos (isto é, veículos de ideias, informações, argumentos, ficções, etc.) junto de um público mais vasto do que aquele que partilha a língua em que esses textos estão escritos e essa função, nos nossos dias como em muitas outras épocas da história da humanidade, é não só facilmente comprovável, como absolutamente imprescindível. Tal não impede que o faça à custa de constrangimentos, de dificuldades, de impossibilidades, mas é precisamente esse facto que lhe permitirá assumir-se enquanto elo de ligação entre dois domínios diferentes.

Assim, André Lefevere, por exemplo, considera que, perante as múltiplas dificuldades que se lhe colocam, os diversos contextos com que tem de lidar e as diferentes exigências do processo de tradução, o tradutor deverá agir em termos de *compromisso* (Lefevere: 6). Ideia semelhante é expressa por

Umberto Eco, através do termo *negociação*, presumindo assim que traduzir implicará perdas e ganhos, resultantes das escolhas linguísticas e estilísticas concretas que o tradutor terá de fazer e assumir; como tal, “o tradutor situa-se como negociador entre [as] partes reais ou virtuais” que compõem o processo de tradução, nomeadamente, o texto-fonte e o seu autor e o texto de chegada. (Eco: 17)

Esta atitude conciliadora é também a que mais caracteriza Larbaud, para quem a função do tradutor passa por abrir horizontes aos leitores, possibilitando-lhes o acesso a textos originalmente escritos numa língua que não dominam e, conseqüentemente, a âmbitos culturais ou a conhecimentos que de outro modo lhes estariam vedados. É certo que a primeira página do seu estudo sobre São Jerónimo apresenta uma visão bastante menos positiva da situação genérica dos tradutores:

“Le traducteur est méconnu; il est assis à la dernière place; il ne vit pour ainsi dire que d’aumônes; il accepte de remplir les plus infimes fonctions, les rôles les plus effacés; ‘servir’ est sa devise, et il ne demande rien pour lui-même, mettant toute sa gloire à être fidèle aux maîtres qu’il s’est choisis, fidèle jusqu’à l’anéantissement de sa propre personnalité intellectuelle.” (Larbaud: 9)

Contudo, o leitor atento aperceber-se-á com facilidade de que esta visão miserabilista com que Larbaud se autodescreve não é senão o ponto de partida, irónico, levemente humorístico, para a verdadeira valorização do tradutor; neste, as virtudes da humildade, da abnegação, da paciência são completadas com as da inteligência, do conhecimento profundo, da percepção aguda e rápida, fazendo dele, afinal, uma entidade de valor superior na história do pensamento e do conhecimento humano. Com efeito, Larbaud termina esse texto sobre São Jerónimo pondo em destaque a importância fundamental do tradutor, que, para além de experimentar “le désir et la passion, et la peine et la joie, de traduire”, conhece também “le triomphe de rendre intelligible pour tout un peuple, de génération en génération, cela qui n’était pour la plupart d’entre eux que de l’encre sur du papier.” (Larbaud: 51)

Esta visão valorativa e luminosa do trabalho tradutivo é ainda retomada no texto “*Joiés et profits du traducteur*”, no qual o tradutor é associado a um mágico capaz de transformar uma mancha gráfica ilegível numa matéria viva:

“... Et voici que sous sa petite baguette magique, faite d'une matière noire et brillante engainée d'argent, ce qui n'était qu'une triste et grise matière imprimée, illisible, imprononçable, dépourvue de toute signification (...) devient une parole vivante, une pensée articulée, un nouveau texte tout chargé du sens et de l'intuition qui demeuraient si profondément cachés, et à tant d'yeux, dans le texte étranger.” (Larbaud: 68)

Assim, o trabalho do tradutor enquanto meio de difusão de matéria escrita assume-se, acima de tudo, como um ganho genérico e indiscutível. Em Valery Larbaud, essa questão reveste-se de uma importância fundamental, visto que ele foi responsável pela divulgação em França (através da tradução, da publicação e da crítica) de inúmeros escritores de língua não francesa que hoje se contam entre os grandes vultos da literatura universal. Larbaud traduziu para francês autores como Stevenson, Chesterton, Walt Whitman ou, sobretudo, Samuel Butler; foi igualmente determinante na difusão e receção da obra de James Joyce em França. Contudo, o seu profundo conhecimento da língua inglesa e a sua predileção pela literatura anglófona (a que dedicou o primeiro volume da sua obra ensaística *Ce vice impuni, la lecture*, publicada em 1925) não o impediram de se abrir a outras línguas e a outras culturas literárias: leitor insaciável e cidadão do mundo sempre em busca de novos conhecimentos, aprendeu português e leu Eça de Queirós no original, por ocasião da sua visita a Portugal em 1926; foi também ele que ajudou à divulgação deste escritor em França, nomeadamente prefaciando uma tradução de *A Relíquia*.

Apesar desta ligação a Portugal, à sua cultura e à sua literatura, apesar dos textos que escreveu sobre as experiências vividas durante a visita ao nosso país e apesar do contacto epistolar que manteve com escritores portugueses como António Sérgio, Fernanda de Castro ou Vitorino Nemésio, Valery Larbaud é hoje praticamente um ilustre desconhecido em Portugal, onde a

sua obra, seja ela poética, ficcional ou ensaística, não se encontra traduzida nem publicada (uma tradução do seu romance *Fermina Marquez*, editada pelos Livros do Brasil nos anos cinquenta do século XX, terá sido a única obra disponível nas livrarias portuguesas).

Valeria a pena, porém, recordar e divulgar os seus textos, nomeadamente os de índole ensaística; a visão de Larbaud da essência da tradução e do trabalho do tradutor não perdeu atualidade. No seu tempo como agora, “les joies et les profits du traducteur sont grands et dignes d’envie” (Larbaud: 68) e o cerne da atividade tradutiva continua a ser o movimento de translação de um domínio linguístico e cultural para outro, através dos mesmos caminhos e atalhos, com recurso às mesmas interrogações e hesitações. Confrontando-se a si mesmo com as imagens vívidas criadas por Valery Larbaud, nenhum tradutor deixará de se reconhecer nelas e essa percepção só pode ser vantajosa para ele e para o seu trabalho.

É no sentido de colmatar, ainda que numa dimensão mínima, essa falha na divulgação da obra de Larbaud entre nós que se apresenta a seguir a tradução de um dos seus textos, incluído em *Sous l'invocation de saint Jérôme*. Trata-se do texto intitulado “Les balances du traducteur” e é mais um exemplo da reflexão de Larbaud sobre a atividade concreta da tradução. O tradutor é aqui concebido como um “peseur de mots”, efetuando sucessivamente a pesagem das palavras, de modo a conseguir um equilíbrio perfeito entre o texto original e o texto traduzido. Mais uma vez, qualquer tradutor se reverá nesta atitude e, sobretudo, compreenderá facilmente o alcance significativo destas imagens; porém, a vivacidade e a elegância do estilo de Larbaud fazem da leitura destas páginas um verdadeiro prazer, ao mesmo tempo que permitem aceder a um agudo exercício de análise do trabalho de tradução.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- LARBAUD, Valéry (1997) [1946] *Sous l'invocation de saint Jérôme*. Paris: Gallimard
- ECO, Umberto (2005) *Dizer Quase a Mesma Coisa – Sobre a Tradução*. Tradução de José Colaço Barreiros. Lisboa: Difel
- LEFEVERE, André (1992) *Translating Literature – Practice and Theory in a Comparative Literature Context*. New York: The Modern Language Association of America
- PYM, Anthony (2013) *Teorias Contemporâneas da Tradução – Uma Abordagem Pedagógica*. Tradução de Ana Maria Chaves, Eduarda Keating e Fernando Ferreira Alves. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian

As balanças do tradutor

Verborum pensitatores. Esta expressão, aplicada por Aulo Gélío aos detratores do estilo de Cícero, tem sem dúvida, nessa passagem, um sentido pejorativo; mas não importa, pois “pesadores de palavras”, e mesmo pesadores “subtilissimi”, é o que nós, tradutores, devemos ser. Todos temos junto de nós, na mesa ou na secretária, um conjunto de invisíveis, de intelectuais balanças com pratos de prata, travessão de ouro, eixo de platina e ponteiro de diamante, capazes de assinalarem desvios de uma fração de miligrama, capazes de pesar o imponderável! Ao lado destas balanças, os outros instrumentos de trabalho, materiais e visíveis (dicionários, léxicos, gramáticas), ainda que constantemente utilizados, são apenas acessórios, meros depósitos ordenados de materiais, caixas de palavras arrumadas no devido lugar alfabético e numeradas de acordo com o seu sentido e a sua nuance: caixas de tintas a pastel. O essencial é a balança em que pesamos essas palavras, já que todo o trabalho do tradutor consiste em pesar palavras.

Num dos pratos, colocamos uma a uma as palavras do autor e no outro experimentamos sucessivamente um número indeterminado de palavras pertencentes à língua para a qual traduzimos esse autor, à espera do momento em que os dois pratos ficarão equilibrados.

Parece uma coisa de nada e de facto seria fácil se em vez das palavras de um autor pesássemos as do dicionário; mas são as palavras de um autor, impregnadas e carregadas do seu espírito, quase impercetível mas muito profundamente

modificadas quanto ao seu significado bruto, pelas intenções dele e pelo processo do seu pensamento, aos quais só temos acesso graças a uma compreensão íntima de todo o contexto, entendendo por esse termo tudo o que na obra foi escrito *antes* dessa palavra e seguidamente tudo o que foi escrito *depois* e que pode explicar-nos retrospectivamente a intenção contida na palavra que estamos a pesar.

Temos de vigiar bem essa palavra; está viva. Vejam: é percorrida por estremecimentos, por irisações, e desenvolve antenas e pseudópodes com os quais, mesmo que isolada artificialmente, se liga ao fluxo de pensamento vivo – a frase, o texto completo – do qual a tirámos; esses sinais de vida chegam até a modificar ritmicamente o seu peso. Por isso, temos de apanhar esse ritmo, para que o seu contrapeso seja animado de um ritmo vital equivalente.

Daí decorre que, frequentemente, nem uma das palavras que nos são oferecidas, com uma segurança de pedagogo e uma precisão muito administrativa, pelo dicionário bilingue como equivalentes de algum modo oficiais dessa palavra resista à prova da pesagem e que tenhamos de procurar noutra sítio, no dicionário da nossa memória, pelo itinerário complicado dos sinónimos (como nas tabelas do bilhar), outras palavras que a sustentarão e que conseguirão fazer, com uma aproximação de milésimos, o equilíbrio apaixonadamente desejado. Daí decorre também que uma mesma palavra, empregue pelo autor em duas passagens diferentes, não seja traduzível pela mesma palavra nas duas passagens correspondentes, o que parece contrário a toda a lógica. Mas, se observarmos melhor, veremos que essa palavra tem funções diferentes nos dois ambientes vivos em que se banha e dos quais faz parte. Num desses ambientes, a sua função fá-la-á emitir um certo brilho, uma tonalidade particular do sentido que transporta e no outro emitirá uma outra dessas tonalidades. Ora, pode acontecer que essas duas tonalidades emanadas do seu potencial sejam impossíveis de captar numa única palavra da língua para a qual estamos a traduzir. Talvez só aconteça em casos extremos, quando se trata de substantivos e de adjetivos; mas quantas vezes é preciso traduzir um substantivo por um verbo, e um verbo por um substantivo, e um tempo verbal por outro tempo verbal, mesmo quando as regras da gramática e o “génio” das duas línguas não o exigem? E quantas vezes é preciso deslocar orações intercaladas, alterar a construção das frases, modificar a pontuação? Sim, até as vírgulas têm de ser pesadas.

A imobilidade do texto impresso é uma ilusão de ótica. Se é imóvel, é como nós o somos naqueles momentos em que, absortos na procura do equilíbrio dos pratos, ficamos sem nos mexermos, enquanto em nós continuam os movimentos

infinitamente rápidos e complicados da vida. Pesamos matéria viva e, através dos equilíbrios relativos que vamos encontrando, transferimos uma parte maior ou menor – mas nunca a totalidade – de uma corrente vital para um tecido composto por elementos verbais, cujos potenciais, libertados por essa corrente, a transportarão até ao pensamento dos leitores ou dos ouvintes que conhecem a língua para a qual estamos a traduzir.

Assim, o nosso trabalho de tradutores é um comércio íntimo e constante com a Vida, uma vida que não nos basta absorver e assimilar, como faríamos na leitura, mas de que nos apropriamos ao ponto de a atrair para fora dela, para a revestir pouco a pouco, célula a célula, com um novo corpo que é a obra das nossas mãos. E que ser humano – a não ser talvez Pigmalião, o escultor –, por muito pouco que conceba os cuidados deliciosos e as cuidadosas delícias e o ardor dos desejos e a embriaguez das vitórias de um tal «φιλοτήσιου ἔργου», não no-los invejaria?